

---

## Representação de mulheres skatistas na produção audiovisual de Crystal Moselle: Análise de Skate Kitchen e Betty<sup>1</sup>

Júlia Tiengo ZUMERLE<sup>2</sup>

Mariah Friedrich DADALTO<sup>3</sup>

Gabriela Santos ALVES<sup>4</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

### RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar a representação de mulheres skatistas no filme *Skate Kitchen* (2018) e na primeira temporada da narrativa seriada *Betty* (2020), da cineasta Crystal Moselle. Como referencial teórico são trabalhados o conceito de gênero (BUTLER, 2018) e a compreensão do cinema como tecnologia de gênero (LAURETIS, 1987). Guiando-se pelos eixos gênero, skate e cidade, acionados constantemente nas obras da cineasta, foi realizada uma análise fílmica de imagem e som (PENAFRIA, 2009). As observações desenvolvidas evidenciam a reivindicação do ethos criativo, transgressor e não-hierárquico do *skateboard* por grupos inicialmente marginalizados e inserem as obras de Moselle no contexto da representatividade das experiências de skatistas mulheres e suas práticas não-conformativas para explorar a diversão e liberdade da vivência do skate.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crystal Moselle; cinema; ficção seriada; teoria e crítica feministas contemporâneas; gênero.

### Introdução

O primeiro trabalho colaborativo da cineasta estadunidense Crystal Moselle com o coletivo Skate Kitchen foi o curta-metragem *That One Day* (2016), para o projeto MiuMiu Women's Tales, uma parceria da marca do segmento de moda MiuMiu com o Festival de Veneza que tinha o objetivo de tratar questões referentes às mulheres. O curta deu origem ao longa-metragem *Skate Kitchen* (2018) e posteriormente à narrativa seriada *Betty* (2020, 2021), ficcionalizações inspiradas nas vivências e histórias de um grupo de jovens skatistas na cidade de Nova York e interpretadas pelas mesmas.

A cultura skateboard é produtora de um ambiente muitas vezes intimidador para as mulheres, consideradas por muitos skatistas como frágeis e inaptas para a prática dominada pelo protagonismo masculino. O homem foi representado como o sujeito do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Cinema, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo, email: [juliatzumerle@gmail.com](mailto:juliatzumerle@gmail.com).

<sup>3</sup> Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo, email: [mariahdadalto@gmail.com](mailto:mariahdadalto@gmail.com).

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação e Cultura, Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, email: [gabriela.alves@ufes.br](mailto:gabriela.alves@ufes.br)

---

skate, mas apesar da invisibilidade há mulheres skatistas desde o surgimento de tal cultura, historicamente marcada por disputas de poder e atravessada por resistências, transgressões, conflitos e negociações que redefinem os territórios a partir da construção de novas leituras e valores simbólicos para a experiência da urbanidade, tendo um rico potencial emancipatório.

A ausência de visibilidade feminina tem se modificado com o crescente número de mulheres skatistas no mundo, em parte influenciadas pela representatividade vista nas grandes competições, com o esporte estreando nas Olimpíadas de 2020, realizadas em 2021, e o grande destaque das atletas femininas, a exemplo da brasileira Rayssa Leal, à época com 13 anos, que conquistou medalha de prata na competição. Mas mesmo antes do skate ser considerado esporte olímpico as mulheres skatistas têm encontrado formas de afirmar sua presença neste espaço, tal qual o coletivo fundado por Rachele Vinberg e Nina Moran, Skate Kitchen, homônimo a uma das obras analisadas neste estudo.

Este artigo propõe uma análise do filme Skate Kitchen (2018) e da primeira temporada da série Betty (2020), no intuito de interpretar como são representadas skatistas mulheres e queer nas obras audiovisuais da cineasta Crystal Moselle e de que maneira tais produções apresentam fenômenos e aspectos sociais e culturais da contemporaneidade, como as problemáticas de gênero e as formas de apropriação e recriação simbólica dos territórios urbanos.

Guiando-se pelos eixos gênero, skate e cidade, acionados constantemente nas narrativas, este artigo propõe a análise fílmica de imagem e som das obras a partir do referencial metodológico apresentado por Manuela Penafria (2009). A interpretação é voltada a pensar a representação destas mulheres skatistas em cena, suas relações com a cidade e as possibilidades criativas elaboradas por elas para fazer frente à realidade de exclusão, desigualdade e opressão de gênero vividas no skateboard, tendo em vista que as audiovisualidades analisadas foram realizadas por uma diretora mulher.

### **Cinema como tecnologia de gênero**

Uma das primeiras questões analisadas pelas teóricas feministas dedicadas ao estudo cinematográfico foi a narrativa construída por Hollywood em torno das mulheres e de como elas são posicionadas e tratadas, inclusive em relação aos estereótipos de gênero. O cinema é um espaço não só de fuga, mas de vivências e sensações compartilhadas. Enquanto instituição social, é mediador da experiência espaço-temporal

---

e vetor de singularização e subjetivação, uma vez que é criativo e representativo de discursos capazes de fornecer aos indivíduos elementos simbólicos para elaborações interpretativas sobre o mundo.

Refletindo sobre o conjunto de normas sociais que operam conforme a posição de gênero que um sujeito ocupa e na ideia de desvio que essas noções criam, Teresa de Lauretis entende as brechas entre o hegemônico (LAURETIS, 1987, p. 228) e o desviante como uma possibilidade de produzir transformações a partir de ações discursivas. Mais especificamente a autora se dedica a pensar o potencial do cinema produzido por mulheres na construção de novas perspectivas de gênero.

Dentro da proposta estética de um filme, há um conjunto de elementos que atuam na tecnologia de gênero do cinema ao visar determinada espectralidade. Neste sentido, estudos desenvolvidos por teóricas feministas no campo do cinema questionaram o desenvolvimento da produção clássica hollywoodiana e propuseram um levantamento de como essa tecnologia operou produzindo determinados tipos de corpos voltados às expectativas e ao olhar do homem e replicando um ideal de mulher.

Na perspectiva dos estudos feministas do cinema, Lauretis (1987) contribui no desenvolvimento de uma compreensão do aparato cinematográfico como uma tecnologia de gênero, que revela as tensões entre as representações de gênero e as identidades femininas como sujeitos históricos, “motivadas e sustentadas por uma contradição em nossa cultura”. Nesse fato reside uma contradição irreconciliável: as mulheres se situam tanto dentro como fora do gênero, ao mesmo tempo dentro e fora da representação” (LAURETIS, 1987, p. 217).

O conceito de gênero é problematizado no sentido de produzir uma ação política de desestruturação dos modelos que fundamentam as relações sociais. Lauretis (1993) recorre à metáfora de Ítalo Calvino no excerto de Cidades Invisíveis em que conta a história da cidade de Zobeide, construída a partir de um sonho de perseguição de uma mulher imaginária compartilhado por homens que chegam à cidade e a transformam no desejo de manter essa mulher prisioneira “em um permanente movimento de objetificação e alienação”. Segundo ela, o desejo é impulso para representação da cidade do sonho. Nas palavras da autora:

A cidade é um texto que conta a história do desejo do homem através da dramatização da ausência da mulher, produzindo-a como texto, como pura representação. O texto de Calvino é, assim, uma representação precisa do status paradoxal das mulheres no discurso

---

ocidental: se a cultura tem origem na mulher e funda-se no sonho de seu cativo, as mulheres estão sempre ausentes da história e do processo cultural (LAURETIS, 1993, p. 98).

Assim como na parábola da cidade de Zobeide em que as mulheres estão ausentes como sujeitos históricos em uma cidade primitiva construída por homens, ocorre no cinema, significativa imaginário e prática de linguagem que se produz a partir do movimento de representação no qual as mulheres estão na posição de ausente e cativa, pontua Lauretis. O lugar da mulher nesses espaços discursivos implica em uma contradição, apresentada pela autora ao pensar o significado das representações cinemáticas de mulheres.

Pensar essa relação implica incluir um terceiro eixo que compõe a problemática, observa a autora, que propõe analisar a questão da subjetividade e como esta se associa à construção da diferença sexual. Considerando o aparato do cinema uma forma histórica e ideológica, a autora propõe que o próprio cinema-instituição e suas condições de produção ocorrem na “relação entre a técnica e o social” (LAURETIS, 1993, p. 98).

### **Skate Kitchen**

Em um primeiro momento, a trama de Skate Kitchen (2018) apresenta a personagem Camille (Rachelle Vinberg), uma skatista de 18 anos que mora em um subúrbio em Long Island com a mãe, Renata (Elizabeth Rodriguez). Na primeira cena ela está sozinha em um skatepark praticando. Quando vai até uma escada, dois garotos ao seu redor a desafiam a pular o obstáculo, em tom que sugere colocar em dúvida sua capacidade. Camille erra a manobra e se acidenta, sendo atingida pelo shape em sua região da pélvis, o que provoca um sangramento intenso. Ela se levanta e as mesmas crianças menosprezam o ferimento dizendo que ela estava menstruando, então a personagem vai sozinha até um hospital e precisa fazer pontos no machucado.

O momento retratado expõe a reprodução da discriminação de gênero no skateboard a partir de marcadores socioculturais de distinção associados à performance de masculinidade na expressão de características associadas ao gênero, como coragem para correr riscos, agressividade e tolerância à dor. A ausência feminina nessa cultura comumente evoca estereótipos essencializadores que justificam as desigualdades de gênero e desconsideram fatores socioculturais (BEAL, WILSON, 2004, p. 47).

---

Outro ponto que influencia na diferença de participação é a vigilância diferencial aplicada sobre os corpos femininos a ponto de produzir constrangimento com situações inerentes à prática esportiva como falhar ou se machucar em público (D’ORAZIO, 2021). A exclusão de gênero no skate é representacional, por ser produção discursiva das mídias de massa e de nicho que perpetuam padrões misóginos e representam as skatistas de forma “sexualizada, trivializada e marginalizada” (MACKAY, DALLAIRE, 2014, p. 175; D’ORAZIO, 2021, p. 403).

A marginalização física se produz na exclusão territorial, onde as skatistas presentes ora são categorizadas como uma exceção à presunção de inferioridade feminina ou pelo estereótipo da Betty, que designa uma mulher inserida de forma não autêntica na cultura do skate para estar próxima dos homens skatistas.

Na cena em que Camille conhece as outras integrantes do grupo, ela erra uma manobra enquanto é filmada por Ruby. Kirt a acompanha e diz que há “muitos pênis no caminho”, se referindo ao fato das garotas serem minoria naquele território e sentirem uma certa hostilidade por parte dos outros skatistas.

O aumento na visibilidade e inclusão do skate feminino tem coincidido com um debate ativo sobre questões de justiça social e identidades sexuais no skateboard. A partir da proposta do surfeminismo (SCHUMACHER, 2014), uma abordagem feminista aplicada a cultura do surfe com objetivo de criar mais inclusão e espaços igualitários e seguros dentro da cultura surfista para todas as expressões de gênero, Steph MacKay (2016, p. 312) concebe a ideia do skatefeminismo como agregador das complexidades e contradições inerentes aos projetos e desejos do conjunto de skatistas de diferentes culturas, idades, raças, crenças e performances de gênero, tendo como projeto mais amplo a criação de ambientes seguros onde as skatistas em sua diversidade possam compartilhar a experiência e a diversão do skateboard.

MacKay e Dallaire (2012, 2014) destacam que as skatistas de forma performática ou prefigurativa resistem às interdições baseadas em discursos sexistas que perpetuam relações de gênero que colocam as mulheres em posição de inferioridade ou menos capazes em relação aos homens por supostamente serem mais frágeis e ter o dever de atender a expectativas sociais de conformação a padrões de beleza e comportamento limitantes para a apropriação dos espaços urbanos (FOK; O’CONNOR, 2021, p. 403).

Em outra cena do filme, o espectador é apresentado ao quarto de Janay, que vive com o pai, Lawrence (Hisham Tawfiq) e o irmão, Isaiah (Malachi Omega). Na parede, há

---

um pôster da skatista Elissa Steamer, conhecida como pioneira no skate ainda nos anos 1980. Elissa foi a primeira skatista mulher a aparecer no videogame Tony Hawk's e a única garota no vídeo clássico de skate Welcome to Hell, da Toy Machine, em 1996, um trabalho que marcou uma geração e foi um sucesso instantâneo. No livro Four wheels and a board (GORDON, ROGERS, 2022), a skatista descreve sua experiência com o skate sendo atravessada pelas desigualdades de gênero e binarismo:

Embora eu não soubesse na época, eu estava vivenciando desigualdade salarial no negócio do skate. A discriminação de gênero também estava presente, mas os caras com quem eu andava de skate cuidavam de mim. Eu era especial para eles. Eles me protegiam, quase como uma irmãzinha. Eu tinha minha turma e se algum cara chegasse e dissesse algo estúpido ou sem graça, ele era excluído. Eu tive sorte; não foi tão fácil para algumas mulheres da indústria, mas agora está melhor do que era antes (GORDON, ROGERS, p.133, tradução nossa).

Segundo o skatista transgênero Leo Baker em entrevista à Vogue, o fato de mulheres irem competir nos jogos olímpicos concedeu um novo valor para esse grupo dentro da indústria do skate (Louison, 2017). Skate Kitchen (2018) está inserido nesse processo de crescimento de discussões de gênero, raça, sexualidades queer e outras subculturas urbanas na cena do skateboard, que envolve vários aspectos além da modalidade esportiva e do lazer, sendo também um estilo de vida, arte e performance. No entanto, Steph MacKay (2012) aponta a contradição entre esse aumento do acesso ao skateboard e a diluição do seu ideário de resistência, em consequência ao processo de comoditização e esportificação (p. 175).

Ainda assim, D'Orazio (2021) reconhece que a esportificação produziu resultados positivos para a inclusão de algumas skatistas (p. 397). Na sequência final de Skate Kitchen (2018), assistimos ao asfalto em movimento e skates sobre ele. Um grupo de skatistas, com diferentes identidades de gênero, anda em meio aos carros na cidade e o movimento lembra uma dança. Camille e as amigas parecem estar felizes. O momento reflete a inclusão de mulheres e pessoas queer na vivência do skateboard como cultura, forma de expressão e contestação das interdições sociais.

### **Betty**

A série Betty (2020, 2021) aborda relacionamentos e questões de identidade a partir das cinco jovens skatistas que compõem o coletivo novaiorquino feminista e queer Skate Kitchen, em um território dominado pelo protagonismo masculino.

No primeiro episódio da série, Janay e Camille são assediadas por um idoso que pede ajuda para encontrar a entrada da própria casa. Na cena seguinte, Janay conta a Camille que aquilo a lembrou de um motorista que a assediava quando era adolescente. É o primeiro momento em que o tema do abuso sexual, retomado em outras situações nos episódios seguintes, começa a desencadear um processo de transformação das personagens ao longo da história.

Em outra cena, Camille olha em direção às garotas e Bambi (Edmund Donovan), seu amigo, pergunta se conhece aquelas “Betties”, um termo que Moselle recorda ser usado para se referir tanto de forma negativa como positiva às garotas que estão na cena do skateboard, podendo assumir o sentido de skatistas mulheres que têm coragem de explorar o espaço como também pode denotar o estereótipo de uma garota que gosta de estar ao redor dos skatistas.

No terceiro episódio de Betty (2020), Honeybear está com Ash, uma skatista por quem demonstra interesse romântico, mas vê Janay envolvida em uma discussão e se despede para ir ajudar. Ela e Kirt chegam na discussão e um homem que observa comenta coisas obscenas e encosta em Kirt que o confronta, então a briga se intensifica até que ela joga o skate na direção dele e acerta a vidraça do estabelecimento. Camille tenta ajudar a separar os dois, mas ele a acerta com um soco. A polícia se aproxima e Kirt corre, mas quando Camille sugere para Honeybear que corram também a personagem negra responde que não pode fazer isso:

Camille: Vamos! Vamos!

Honeybear: Eu não posso. Você sabe o que acontece quando fugimos da polícia.

Camille: Eles não fazem nada.

Policia: Contra a parede, mãos para trás (tradução nossa).

Na cena em questão, o estereótipo do homem ou da mulher negra fora de controle e violentos evoca a performance da violência racial para reprimir a vítima considerada um risco que demanda intervenção truculenta (ALMEIDA, 2020, p. 7), que resulta em mortes como a de George Floyd, sufocado por forças policiais em Minneapolis, cidade que foi tomada de protestos nos dias seguintes à morte. Mesmo durante a pandemia de Covid, milhões de pessoas participaram de movimentos em várias cidades do país contra a violência policial que coloca em risco a vida da população afro-americana.

A sequência final do episódio se encerra com Camille, Janay e Honeybear no banco de trás da viatura policial sendo conduzidas para a delegacia. Associado à

---

radicalização da dominação sobre aqueles que têm mais probabilidade de ser punidos, o processo de encarceramento em massa é analisado pela teórica feminista negra Angela Davis, participante do Partido dos Panteras Negras, do Partido Comunista e da luta contra o encarceramento e segregação da população. A autora enfatiza o papel do feminismo negro na luta anticapitalista e contra as opressões, ainda que pouco reconhecido (DAVIS, 2016, p. 168). Ela afirma que “o encarceramento se tornou a maneira primária de punição imposta pelo Estado e estava intimamente relacionado à ascensão do capitalismo e ao surgimento de um novo conjunto de condições ideológicas” (DAVIS, 2018, p. 46).

No quinto episódio, Ash acompanha Honeybear até a estação da balsa após passarem o dia juntas, mas Honeybear vê o pai e se esconde. As duas divergem sobre a reação e Ash pergunta se ela não é assumida, referindo-se à sua orientação sexual. Honeybear então responde não ter desejo de continuar se relacionando com ela.

O processo de assumir-se homossexual, ou “sair do armário”, é um tema recorrente nas narrativas cinematográficas com personagens lésbicas diante da possibilidade de rejeição e conflitos familiares. Segundo Eve Sedgwick, a homossexualidade como identidade codificada gerou um padrão binário de orientação sexual como identidade fixa que limita a liberdade, sendo o “armário”, ou a pressão entre esconder-se ou fazer uma revelação pública, um dispositivo de regulação da vida das pessoas LGBT (Sedgwick, 2007, p. 21). Para a autora, “o armário é a estrutura definidora da opressão gay no século XX” (SEDGWICK, 2007, p.26).

Judith Butler aponta que o exercício do direito de aparecer na manifestação e reunião dos corpos nos espaços públicos representa uma demanda política por condições para agir e viver, de modo que a própria precariedade provoca a formação de alianças baseadas no entendimento da situação compartilhada.

Conforme Butler (2018), a construção dos sujeitos está vinculada a práticas de exclusão e legitimação. As expressões políticas e culturais pelas quais a matriz heterossexual é mantida acionam modos de subversão no presente histórico pelo tensionamento das estruturas em que estão cristalizadas e naturalizadas. Assim, a subversão de uma identidade feminina baseada na noção de sexo biológico problematiza esse modelo binário estruturado segundo uma diferenciação anatômica dos corpos, para produzir uma ação política de desconstrução desses discursos que orientam as relações sociais.

---

Na esfera pública, atos corporais performativos acionam um conjunto de efeitos pelos quais a norma é reforçada, recusada, revisada e/ou reformulada pela negociação da representação. Nas palavras de Judith Butler, “podemos ver como o ato da fala nos afeta e nos anima de uma maneira corporificada – o campo da suscetibilidade e do afeto já é uma questão de um registro corpóreo de algum tipo” (p. 65).

[...] quero sugerir somente que quando corpos se juntam na rua, na praça ou em outras formas de espaço público (incluindo os virtuais), eles estão exercitando um direito plural e performativo de aparecer, um direito que afirma e instaura o corpo no meio do campo político e que, em sua função expressiva e significativa, transmite uma exigência corpórea por um conjunto mais suportável de condições econômicas, sociais e políticas, não mais afetadas pelas formas induzidas de condição precária (BUTLER, 2018, p. 16).

Tal forma plural de performatividade que engaja contestações e expressões de uma ética opositiva à racionalidade neoliberal faz nascer versões provisórias de soberania popular em resposta aos fracassos das instituições socioeconômicas e políticas (p. 25).

No último episódio da primeira temporada de *Betty*, Camille está tentando algumas manobras perto de um parque quando uma criança se aproxima para assistir. Camille vê a garota e pergunta se ela quer tentar e a ajuda a se equilibrar no skate. Kirt chega e aplaude ao vê-la contribuir com seu ideal de ensinar o skate e empoderar mulheres e pessoas queer. Ela aconselha a menina a afastar um pouco mais as pernas no skate e dobrar os joelhos, mas a saia que a criança veste é longa, justa e atrapalha seus movimentos, então Camille a ajuda a dobrar a saia na altura dos joelhos para facilitar. Nesse momento, o pai da garota surge e ameaça chamar a polícia se as duas não se afastarem de sua filha. A criança se torna rígida na presença do pai e mantém-se olhando para baixo.

Camille quer insultar o homem, mas Kirt está contida após as consequências da última briga e sugere que se acalme. Ela pede desculpas para Camille por ter feito as amigas serem presas e a outra a agradece por reconhecer que falhou, mostrando-se surpresa por Kirt não querer agredir o pai da criança. Kirt diz que precisa parar de combater o patriarcado e começar a incentivar o matriarcado, então Camille sugere fazer um novo encontro de skatistas e se oferece para ajudá-la na organização.

Em *Betty* (2020), a amizade e companheirismo feminino permite às personagens reivindicarem espaços em oposição ao patriarcado, para ocuparem as ruas, as pistas de skate e afirmarem sua liberdade. Por meio de práticas de cuidado e solidariedade entre si,

---

as personagens se amparam em momentos de crise e se reestabelecem com o apoio das amigas.

Leslie Kern (2020) enfatiza a importância da amizade entre mulheres para criação de possibilidades de liberdade nas cidades e superação de limitações de mobilidade e acesso aos espaços (p. 58). Para a autora a amizade feminina pode ser entendida como forma de vida e carrega uma potência transformadora e “criadora de mundos” e possibilidades que desafiam as normas sociais e são um espaço fértil para a criação de novas formas de se relacionar. Disso deriva a importância das relações de amizade na vida de sujeitos “desviantes”.

A temporada de modo geral aborda a força da amizade para a construção de espaços seguros e oportunidades de experiências na relação que se desenvolve no entre-lugar entre o espaço público e o espaço privado (MIRANDA, 2018, p. 48), com possibilidade de criação de modos de vida e práticas coletivas.

### **Considerações finais**

As ficcionalizações apresentadas por Moselle têm como protagonistas as integrantes do coletivo Skate Kitchen e acompanham o desenvolvimento das vivências de jovens na cidade de Nova York, oferecendo um retrato da prática do skate e dos novos usos e apropriações do território urbano que esta evoca. A diretora dá voz e representatividade a uma perspectiva feminista de ocupação do universo do skate ao apresentar skatistas mulheres e queer no foco da ação política de ocupação e apropriação dos territórios urbanos que desafia os discursos hegemônicos sobre os usos dos espaços.

Skate Kitchen (2018) e Betty (2020, 2021) provocam reflexões sobre como as experiências de raça, gênero, classe e sexualidade movem ações de resistência à lógica capitalista e patriarcal no contexto da prática do skateboard, um território permeado por contradições onde ocorre tanto um movimento de apropriação subversiva e de expressão como a repetição das opressões do regime binarista, classista e racista.

O trabalho da diretora traz à tona a dimensão da experiência de ser mulher e praticar skate em um ambiente que não é pensado para nenhuma dessas coisas e mesmo assim encontrar brechas por onde se criam novos lugares e possibilidades de dar vazão ao desejo de liberdade e exploração do corpo além dos limites construídos pela ordem vigente.

---

Nas narrativas, questões de visibilidade e inclusão de mulheres e pessoas queer na cultura do skateboard provocam debates sobre questões de identidades sexuais, performances de gênero e justiça social, pois as reivindicações e transformações territoriais produzidas pela ação das personagens refletem o expressivo crescimento da participação de mulheres e pessoas queer nos circuitos de skateboard e a criação de espaços inclusivos de expressão de identidades sexuais e de gênero não conformistas (Willing, 2019).

Essa posição é reforçada na criação do coletivo de nome alusivo aos estereótipos de feminilidade e papéis de gênero, Skate Kitchen, e nas práticas de resistência por meio da formação de alianças para negar expectativas sociais de conformação a padrões de beleza e comportamento limitantes e conquistar espaço para expressões e práticas de liberdade que refletem em mais participação e progresso técnico das skatistas e pessoas queer no skateboard.

Crystal retrata o grupo como representantes de forma geral da luta diária das mulheres fazendo as coisas de maneira diferente dos discursos patriarcais sobre os corpos femininos e queer. Os trabalhos evidenciam a reivindicação de relações igualitárias de gênero de maneira sutil, pela forma como usam seus corpos em movimento pelo espaço urbano.

O problema das imposições de gênero e da ordem cis-heteronormativa no skate mobiliza formas de contestação a essas interdições culturais sobre os corpos culturalmente gendrados. Um dos conflitos presentes reside na tensão entre a ideia de cidade como espaço de liberdade e de perigo para mulheres e pessoas queer que vivem a experiência gendrada da urbanidade. Esses grupos ainda experienciam interdições que delimitam suas vivências na cidade cujos espaços são programados para sujeitos masculinos, enquanto aos outros cabem os movimentos emancipatórios via dissidência da ordem discursiva binarista (KERN, 2019, p. 7).

A produção audiovisual de Crystal Moselle explicita o potencial do cinema de produzir transformações a partir de ações discursivas, mais especificamente, no caso da cineasta, na construção de novas perspectivas de gênero e protagonismo que se aproximam em nossa análise com a abordagem skatefeminista proposta por Steph MacKay (2016), como elemento de ligação de contextos multiculturais e geracionais nos quais mulheres e pessoas queer experienciam o skateboard, podendo pertencer a diferentes orientações de gênero ou afiliações religiosas ligadas pela paixão pela prática.

---

O ethos criativo, transgressor, não-hierárquico do skateboard tem sido reivindicado por grupos inicialmente marginalizados para demonstrar que a desigualdade social é mainstream. Assim, compreendemos as obras como representativas para a diversidade das skatistas e um canal para se afetar e divertir com as experiências das skatistas e a cultura do skateboard.

As obras retratam ainda a função das autorrepresentações em perfis pessoais e de coletivos nas redes sociais para desafiar a dominação masculina e permitir performances mais fluidas e menos conformadas. Neste sentido, Skate Kitchen (2018) e Betty (2020, 2021) se contrapõem às representações das mulheres skatistas segundo um discurso heterossexualizante para reivindicar o protagonismo feminino não apenas na cultura do skateboard, mas também na autoexpressão e apropriação dos territórios de vida.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2020.

BEAL, B.; Wilson, C. “Chicks dig scars”: Commercialisation and the transformations of skateboarders identities. In: B. Wheaton (Org): **Understanding lifestyle sports: Consumption, identity and difference**. New York: Routledge, 2004 (pp. 31–54).

**BETTY**. (Temporadas 1 e 2). Seriado. Direção: Crystal Moselle. Produção: Britta Lundi, Lizzie Nastro, Izabella Tzenkova, Naima Ramos-Chapman, Ben Snyder. Elenco: Dede Lovelace, Nina Moran, Kabrina Adams, Ajani Russell, Rachele Vinberg. New York: HBO, 2020.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa da assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DAVIS, A. **Estarão as prisões obsoletas?** Rio de Janeiro: Difel, 2018.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

D’ORAZIO, D. Skateboarding’s Olympic Moment: The Gendered Contours of Sportification. **Journal of Sport and Social Issues**. 2021, Vol. 45(5) 395–425.

FOK, C.; O’CONNOR, P. Chinese women skateboarders in Hong Kong: A skatefeminism approach. **International Review for the Sociology of Sport**. 2021, Vol. 56(3) 399–415.

GORDON, B.; ROGERS, J. **Four Wheels and a Board**: The Smithsonian History of Skateboarding. 2022.

---

KERN, L. **Cidade feminista**: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021. 256 p.

LAURETIS, T. **Technologies of gender**, essays on theory, film and fiction. Bloomington. Indiana: Univ. Press, 1987.

LAURETIS, T. Através do espelho. Mulher, cinema e linguagem. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 1993, vol.01, n.01, pp.96-122.

LOUISSON, C. Meet skateboarding's stylish, boundary-breaking new star. **Vogue**. Disponível em: <http://www.vogue.com/article/lacey-baker-nike-skate-team-intervie>. 27 abr. 2017. Acesso em: 22 jun. 2023.

MACKAY, S.; DALLAIRE, C. Skateboarding women: Building collective identity in cyberspace. **Journal of Sport and Social Issues**. 2014, 38(6), 548–566.

MACKAY, S.; DALLAIRE, C. Skirtboarder net-a-narratives: Young women creating their own skateboarding (re)presentations. **International Review for the Sociology of Sport**. 48(2) 171–195, 2012.

MIRANDA, E. B. **Narrativas de Amizade entre Jovens Mulheres**: experimentações em território afetado pelo programa de aceleração do crescimento. 2018. Tese (Doutorado). Orientadora: Prof.a Dra Jaileila de Araújo Menezes. Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2018.

PENAFRIA, M. Análise de filmes: Conceitos e metodologia(s). In: **VI Congresso SOPCOM**. Lisboa, SOPCOM, v.6, 2009. Anais eletrônicos. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021.

SCHUMACHER, C. **Surfeminist analysis of Gypsy files**: The most fearless. 2014. Disponível em: <http://www.corischumacher.com/2014/07/25/surfeminist-analysis-of-gypsy-files/>. Acesso em: 22 jun. 2023.

SEDGWICK, E.K. **Epistemologia do armário**. In: Cad. Pagu. v.1, n.28, p.19-54, 2007.

**SKATE Kitchen**. Ficção/Longa-metragem. Direção: Crystal Moselle. Produção: Lizzie Nastro e Izabella Tzenkova. Roteiro: Aslihan Unaldi, Crystal Moselle e Jennifer Silverman. Elenco: Jaden Smith, Rachele Vinberg, Dede Lovelace, Nina Moran, Ajani Russell, Kabrina Adams. New York: Magnolia Pictures, Bow + Arrow Entertainment, RT Features. 106 minutos. 2018.

**THAT One Day**. Drama/Curta-metragem. Direção: Crystal Moselle. Elenco: Rachele Vinberg, Kabrina Adams, Nina Moran, Ajani Russell, Dede Lovelace. Nova York. 13 minutos. 2016.

WILLING, I. (2019) The evolution of skateboarding and why Pushing Boarders is a sign of the times. **Yeah Girl**. Available at: <https://yeahgirlmedia.com/the-evolution-of-skateboarding-and-why-pushing-boarders-is-a-sign-of-the-times/>